Nota da Autora

Entre Flores em Chamas é uma curta prequela de *O Priorado da Laranjeira*. Pode ser lida tanto como ponto de partida para novos leitores da série *Raízes do Caos*, como um aprofundamento da história para quem já conhece este mundo.

No final do livro encontrarás um glossário e um guia de personagens, bem como dois mapas nas páginas iniciais.

As terras fictícias desta série são inspiradas em acontecimentos e lendas de várias partes do mundo. Nenhuma pretende ser uma representação fiel de nenhum país ou cultura específicos, em momento algum da História.

Os terríveis acontecimentos destes tempos
arrancaram pela raiz a nobre árvore da Esperança,

e, no jardim do mundo, dir-se-ia
que despojaram as folhas até onde a vista alcança.

— JAHÃN-MALEK KÃTUN

Conteúdo

Mapas 14

I Outrora 19
II Depois 129

Cronologia 245
Os Intervenientes 249
Glossário 259
Agradecimentos 263


RAINHADO DE INYS
Nurtha
Morga
MAR PÁLIDO
Caliburn do Mar
Suth
Ascalon
Porto Estival
Ponto Albatroz
Pedra Alta
ESTREITO DO CISNE
Perunta
Samana
Aperio
Abraba
Rio Salza
MONTANHAS SAURGA
Rio Armata
Monte do Pavor
REINO DRACONIANO DE YSCALIN
BAÍA DAS ALFORRECAS
Rio Gáuria
GRANDE PLANÍCIE DE YSCALIN
Vazuva
VALE DE GRONEYSO
Cárscaro
Oryzon
River Salbon
Monte Fruma
Córvugar
Ortegardes
FLORESTA DE AFELAYANDA
ROCA
Terras Queimadas
MAR DE HALASSA
Jotenya
ESPADAS DOS DEUSES
Nzene
Dimabu
Monte Dinduru
DESERTO ESCARLATE
PRIORADO
Isriq
Yikala
Basia de Lasia
Majigu
DESERTO DE SUTTU
DOMÍNIO DE LASIA


IMPÉRIO DOS
DOZE LAGOS
Monte Whin
Rio Daprang
CUME
WHINSHAN
Lago das Manhãs Gélidas
Xothu
MAR
DESPERTO
Cidade das
Mil Flores
Grande Vale Imperial
Kawontay
Rio Shim
Lago dos
Dias Eternos
PENÍNSULA SEPUL
Kanxang
MONTANHAS
NHANGTO
Kenglim
MONTANHAS
LAKRA
Lago das
Árvores
Crepusculares
MAR DO SOL
TRÉMULO
Lago do Sol
Adormecido
Rio de
Sombras
Ginura
Cabo Hisan
Monte
Tego
Orisima
Baía de
Ginura
Kapara
Lago de Muitas
Borboletas
Rio
Tikara
Brakwa
Sidupi
SEIIKI
Baía Isunka
Lago do Mar
do Sul
Nanta
Rio
Tukupa
O ABISMO
Basai
Apampi
Ampiki
MAR INFINITO
Cabo Espinho
ILHA DAS PENAS

Uma prequela independente de *O Priorado da Laranjeira*, que narra a história da Queda de Yscalin.

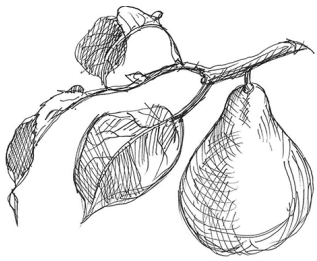
Uma primavera ardente assola o Reino de Yscalin. Marosa Vetalda é prisioneira na sua própria casa, controlada pelo pai, o Rei Sigoso. Do outro lado das montanhas, o seu prometido, Aubrecht Lievelyn, governa em tudo menos no nome. Juntos, pretendem dar origem a um mundo melhor.

Um mundo melhor parece impossivelmente distante para Estina Melaugo, que caça as bestas draconianas adormecidas pelo continente há séculos.

E agora o grande wyrm Fýredel procura vingança contra a humanidade, e Yscalin será o primeiro reino a cair…

Outrora





Marosa

CÁRSCARO
REINO DE YSCALIN
1003 EC

Muito antes de ser uma cidade, Cárscaro fora uma mina. Naqueles tempos, os gulthaganianos dominavam o nordeste do vasto continente de Edin. Ansioso por conquistar o restante território, o Imperador de Gulthaga enviara os seus soldados para lá das montanhas a oeste da sua cidade, rumo a terras desconhecidas, para extraírem cobre destinado a armaduras e espadas.

Do outro lado da gélida Roca, os soldados sentiram o cheiro do cobre e começaram a escavar. Mas as tribos ocidentais de Edin, conhecidas como yscals, veneravam as montanhas da sua terra. Amaldiçoaram os recém-chegados por minerarem no Monte Fruma, pois viam naquele pico um deus petrificado, o gigante que criara o seu povo.

Os yscals lutavam com sílex e madeira; os gulthaganianos, com bronze. A batalha estava perdida desde o início. Obrigados a trabalhar nas minas, os yscals cortavam a própria pele como expiação, temendo desagradar ao seu deus.

Os gulthaganianos deram a este posto avançado o nome de Karkara, que significava *gaiola*. Mesmo quando acabaram por ser expulsos de Yscalin, dois séculos depois da sua chegada, Karkara continuou a ser um lugar de exílio. Quem fugisse das suas muralhas perecia na planície lá em baixo, os ossos perdidos no pó.

Esses tempos pertenciam já a um passado distante, para a maioria. Os antigos deuses das montanhas tinham sido esquecidos, substituídos pelo Santo estrangeiro. As velhas minas de cobre jaziam soterradas sob Cárscaro, agora transformada na esplêndida capital de Yscalin, e o seu povo podia entrar e sair livremente.

Não era esse o caso da futura rainha, a Donmata Marosa.

No sétimo dia da primavera, os olhos dela abriram-se de repente, como se o Santo tivesse descido da corte sagrada de Halgalant para a despertar. Ali perto, a Primeira Dama do Leito Real continuava a dormir, os caracóis escuros espalhados sobre a almofada. Priessa sempre tivera um sono pesado.

Marosa ficou à escuta. Metade de si estava dentro da própria pele, a outra metade encontrava-se algures, num outro tempo. Três memórias incendiaram-se em rápida sucessão: um sussurro junto ao ouvido, uma mão apertada à sua, um grito.

Quando nada perturbou o silêncio do quarto, levantou-se e apertou um roupão sem mangas sobre a camisa de dormir. O ar envolveu-a como manteiga espessa; até os mais pequenos movimentos lhe arrancavam suor. Abriu as portas dos seus aposentos, na esperança de sentir uma brisa fresca, de beber algo gelado.

Pela luz arroxeada do corredor, percebeu que amanhecia. Raramente despertava tão cedo por vontade própria.

— Donmata.

A voz veio da esquerda, onde Ermendo Vuleydres se encontrava junto a uma janela, armado com uma pistola e um florete, com uma alabarda ao alcance da mão. Devia estar a cozer como um caranguejo dentro de toda aquela armadura dourada.

— Ermendo — disse Marosa. — Sentiste alguma coisa agora mesmo?

— Um pequeno tremor.

— Não é já o sexto em outros tantos dias?

— Creio que sim.

O rosto dele não denunciava nada. Os Vardya eram demasiado disciplinados para demonstrarem uma emoção tão inferior como o medo.

— Vou fazer o meu passeio habitual — disse Marosa. — Se estiveres disponível.

— Claro, Vossa Radiância.

Havia tremores ocasionais em Cárscaro, mas nunca tantos, nem tão próximos uns dos outros. Ainda assim, Marosa estava habituada a eles. Saber que a cidade estremecia de vez em quando fazia parte de ser cárscari.

Seguiram o caminho que já haviam percorrido incontáveis vezes, acompanhados por mais dois guardas. Aqui e ali, Marosa vislumbrava os seus reflexos diluídos nas paredes polidas do Palácio da Salvação. Paredes que pareciam pintadas com tinta fresca.

A sua prisão erguia-se em mais de 150 metros de pedra negra, cinza e basalto, adornados com vidro vulcânico. Mesmo nos pisos inferiores, cheios de janelas em arco para deixar entrar a aragem, o calor era sempre sufocante. Nem cem mil tochas teriam conseguido iluminar verdadeiramente aqueles corredores. Não era apenas opressivamente abafado; abundava também em escadarias estreitas e paredes falsas destinadas a confundir intrusos.

A Rainha Rozaria a Terceira ignorara os conselheiros quando ordenara a construção do palácio. Tinham-na avisado de que a pedra negra reteria o calor; de que apenas regiões mais setentrionais, como Hróth, precisavam de uma fortaleza tão escura. Rozaria, porém, não cedeu. Aquilo seria o seu monumento à força yscali, cravado no coração de Cárscaro. Quisera que parecesse tão aterrador como um wyrm, para recordar que Yscalin renascera das cinzas da Ascensão das Sombras.

E conseguira-o, ainda que não tivesse vivido para ver a torre elevar-se sobre o resto da capital. Recordava toda a cidade de Fýredel, cujas terríveis asas haviam outrora lançado o mundo nas sombras.

Um wyrm que jamais fora morto.

Ermendo abriu uma porta, e Marosa saiu para a varanda em meia-lua. Caminhou até à balaustrada e contemplou a capital de Yscalin.

Cárscaro era muitas vezes chamada a Cidade Alta. Nenhum povoado do continente possuía posição defensiva mais forte. Construída sobre um enorme penhasco que avançava desde a Roca, tinha as montanhas cobertas de neve nas costas, como uma retaguarda, e a Grande

Planície de Yscalin diante de si. A alfazema já florescia ali, cobrindo a terra de púrpura até ao horizonte.

— Parece que vai estar um belo dia — disse Ermendo. — A Rainha Sahar teria querido passá-lo na planície.

Marosa limitou-se a assentir quase impercetivelmente. Ambos tinham ido muitas vezes à planície com a mãe dela, que a preferia à cidade. Alguns cárscaris aventuravam-se pela descida, geralmente para cavalgar ou caçar, mas ninguém mantinha corte entre as flores como a Rainha Sahar.

Juntamente com favoritos e outros convidados, as suas Damas do Leito Real acompanhavam-na frequentemente nesses passeios: Sennera Yelarigas, Denarva uq-Bardant, Aryete Feyalda. Comiam à sombra — salsicha vermelha condimentada, queijo e uvas — e conversavam por cima do rugido das Cataratas Gloriza, enquanto Marosa brincava com as outras crianças. Quando o calor apertava mais, entravam na água pouco funda das cataratas. Aqueles dias ofereciam-lhes um breve alívio da torre sombria.

O pai dela nunca os acompanhara.

Marosa não guardava memórias mais felizes do que aquelas horas douradas. A mãe a dançar com ela, fazendo-a rir até lhe doer o corpo, ensinando-a a montar. Quando Marosa atingira idade para casar, a Rainha Sahar aproveitara os seus dias entre as flores para falar com ela em privado, tranquilizá-la e responder às suas perguntas.

Parecia-lhe que uma eternidade se passara desde então. Agora as cataratas haviam desaparecido, e a mãe também. Marosa desviou o olhar da alfazema para o rio de fogo que corria através de Cárscaro.

Surgira quando ela tinha dezassete anos, brotando de uma fenda na Roca. A luz crepitante abrira caminho lenta, mas incessantemente. Pouco depois, avançara por baixo da Casa Vatana e ali, numa enorme erupção de vapor, destruíra as Cataratas Gloriza.

A maioria dos reis teria mudado a capital, mas não Sigoso Vetalda. Convocara pedreiros e alquimistas para deter a lava, sem olhar a custos. Depois de falharem a construção de uma barreira, desviaram-na para os canais já existentes e escavaram outros novos para espalhar a luz.

Estavam todos convencidos de que acabaria por endurecer à superfície. Quase uma década depois, isso ainda não acontecera. Agora o povo atravessava-a por pontes de pedra fechadas, e os seus braços tinham recebido o nome das Seis Virtudes.

O pai chamara-lhe a Tundana. Os seus braços juntavam-se na extremidade do penhasco e derramavam-se sobre a Grande Planície de Yscalin, arrefecendo até se transformarem em escombros negros. Toneladas e toneladas acumulavam-se sob Cárscaro — uma mancha como lama na bainha das montanhas, matando uma vasta extensão de alfazema. Em alguns anos a lava tornava-se mais ténue, permitindo que a noite caísse, mas naquele ano corria rápida e brilhante desde o início da primavera. Marosa não via as estrelas há semanas, tal era a névoa avermelhada que dela emanava.

Contemplou tudo aquilo até os olhos lhe doerem. A cidade que podia ver, mas nunca tocar. Para o pai, aquele palácio era um ninho de wyrms, protegendo o frágil ovo do seu legado. Comportava-se como se Marosa não tivesse já vinte e cinco anos, saída do ovo e de penas crescidas, ansiando por abrir as asas.

Talvez fosse por isso que ela sentia uma necessidade avassaladora de saltar.

A mesma necessidade que sentia todos os dias havia nove anos, desde a noite em que lhe haviam dito que a mãe tinha morrido.

As palmas das mãos ficaram húmidas sobre a balaustrada. Sentiu-se começar a inclinar, a respiração presa nas costelas.

— Donmata?

Ermendo aproximou-se dela. Marosa fechou os olhos com força, esperando que a sensação passasse, como sempre passava.

— Estou bem. — Endireitou-se. — Obrigada, Ermendo. Irei regressar aos meus aposentos.

Quando regressou, o banho já estava preparado. A água chegava a escaldar pelos canos fumegantes. O Monte Fruma não entrava em erupção desde tempos de memória viva, mas continuava a aquecer Cárscaro. Priessa deixou a água arrefecer antes de ajudar Marosa a

entrar, esfregando-a com sabão de oliveira e envolvendo-a em linho. Depois de a secar, untou-lhe o cabelo comprido com óleo e penteou-o.

Os aposentos eram feitos da mesma pedra escura que o resto do palácio, com tetos abobadados, pavimentos de mármore negro samani e janelas ladeadas por cortinas diáfanas. Priessa usava espelhos para iluminar o espaço e tratava que trouxessem flores frescas todas as manhãs. Naquele dia eram papoilas.

Quando Marosa tinha doze anos, a mãe escolhera três raparigas para serem as suas Damas do Leito Real. Priessa Yelarigas — uma prima afastada — fora uma delas. Quatro anos mais tarde, quando o Rei Sigoso dissolvera a casa de Marosa e a remodelara ao seu próprio gosto, apenas Priessa sobrevivera ao vendaval da mudança. O pai dela era Secretário de Estado, um dos nobres mais influentes da corte.

Marosa confiava nela acima de todos os outros, exceto em Ermendo, o seu guarda leal, que a servia desde criança. Ruzio e Yscabel Afleytan também haviam conquistado a sua confiança. As irmãs nunca tentaram ganhar-lhe as graças com lisonjas, como fazia a maioria dos criados que o pai lhe impusera.

Quatro pessoas, num palácio cheio de centenas, em quem podia realmente confiar. Se ao menos não estivessem também elas presas ali no alto consigo.

— Para si. — Priessa estendeu-lhe uma carta. — A pomba chegou ontem de manhã.

O selo já estava quebrado. Marosa abriu a carta e encontrou linhas em yscali, escritas numa caligrafia elegante.

De Ascalon, Rainhado de Inys
Alta Primavera, 1003 EC

Senhora Marosa,

Rogamos que nos envieis notícias do vosso estado. Há demasiado tempo que nada sabemos de vós e, embora o Rei Sigoso deva depender em grande medida da sua diligente herdeira, alegrar-nos-íamos por receber notícias vossas.

O nosso inverno foi breve e ameno. A neve já começou a derreter em Hróth, o que entendemos ser invulgar para esta época do ano.

Esperamos e confiamos poder abraçar-vos de novo no vosso casamento com o Príncipe Aubrecht, assim que este venha a realizar-se. Caso seja necessária uma perspetiva religiosa, a Arquissanctária teria todo o gosto em visitar-vos em Cárscaro.

Vossa em fraternidade e fé,
Sabran, Rainha de Inys

Marosa pousou a carta, perguntando-se qual teria sido a reação do pai ao lê-la. Sem dúvida ferira o orgulho dele. Deixara o noivado arrastar-se durante tanto tempo que a própria líder do Reino das Virtudes sentia agora necessidade de oferecer a ajuda da sanctária real, que teria de viajar centenas de quilómetros, atravessando mar e terrenos difíceis, para chegar a Cárscaro. Tal refletiria mal sobre um rei, que deveria ser capaz de resolver os assuntos da sua própria família sem incomodar Inys.

— Responderei mais tarde — disse ela a Priessa. — A Rainha Sabran é bondosa por se preocupar com o meu bem-estar.

— Sim.

Priessa apertou-lhe um saiote de verão, o corpete e o vertugado, antes de lhe vestir um vestido de seda fulva a condizer com os seus olhos. Um fichu branco cobria-lhe o decote. Nos últimos anos, a moda yscali passara a favorecer vestidos que deixavam os ombros descobertos, devido ao calor crescente, mas dentro do palácio não havia lugar para tal imodéstia. O pai via nisso um insulto ao Cavaleiro da Cortesia.

Quando Priessa se afastou, Marosa tocou nas pérolas douradas seiikines que trazia nas orelhas. Um presente de noivado de Aubrecht, trazido para o Ocidente desde o Mar do Sol Trémulo, muito longe de Yscalin.

— Priessa — disse ela —, hoje é igual aos outros dias?

A amiga susteve-lhe o olhar através do espelho.

— Sim — respondeu suavemente. — É igual.

